

In Formação

Boletim da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia

02

**Editorial
Agenda**

03

**Topologia e clínica
psicanalítica:
aproximações e
experiências**

05

Entrevista

07

**Entre o gozo e o
desejo: a angústia
na clínica**

10

**Do diário de luto ao
trabalho de luto:
Recortes**

13

**Uma introdução ao
nó borromeano**



Sala de tear de Anna Freud.

Tecituras na Clínica



1960



Clínica de Estudos e
Intervenções em Psicologia
UFSM

O boletim de número 10 aborda algumas “Técnicas na Clínica”. O fio condutor que caracteriza essa composição está atrelado à VI Jornada da CEIP, intitulada “Direção do Tratamento na Clínica”, a noções de topologia oriundas de questionamentos suscitados pelo evento “Notas Clínicas”, denominado “Noções de unidade em topologia: de superfícies à nós”, de Luís Fernando Lofrano de Oliveira, e pelos seminários teóricos realizados na CEIP ao longo do primeiro semestre de 2016.

Iniciamos este número com uma resenha do livro “Topologia e Clínica Psicanalítica”, de Ligia Victora. Escrito pela estagiária da CEIP Gerusa Morgana Bloss e pelo acadêmico do Curso de Psicologia Leonardo Senna, tal texto constitui-se enquanto um relato de experiência a partir das primeiras aproximações de seus autores com a topologia. Na sequência, apresentamos uma entrevista com Ligia Victora cuja temática foi a topologia, considerando o importante trabalho da psicanalista nesse campo de saber. Nela são abordadas algumas questões suscitadas a partir do livro a que nos referimos anteriormente.

O texto seguinte é intitulado “Entre o gozo e o desejo: a angústia na clínica” de autoria da estagiária da CEIP Maitê Grassel. A autora traça algumas considerações acerca da angústia e a situa como algo próprio da clínica. Após, é apresentado o texto “Do diário de luto ao trabalho de luto: Recortes”, do psicanalista Luís Henrique Ramalho Pereira, que promove questionamentos sobre o luto e as possibilidades do trabalho com essa especificidade de padecer. Para finalizar, contamos com um texto das psicanalistas Ângela Vorcaro e Carla Capanema. Retomando considerações acerca do nó borromeano, as autoras situam de forma precisa que “a constrição que mantém R. S. I. ligados é sempre singular e enigmática”.

Convidamos o leitor a acompanhar, através de recortes e colagens a partir do que tem sido trabalhado na CEIP, algumas “tecnicas” possíveis na clínica. Boa leitura!

(In)Formação : Boletim da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia / Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Curso de Psicologia, Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia. -- N. 1 (jul. 2011) - . Santa Maria, 2011 - .

Semestral
www.ufsm.br/ceip
n. 10 (ago. 2016)

1. Psicologia. 2. Psicologia - Boletim. 3. Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP). 4. Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH). 5. Curso de Psicologia. 5. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

CDU 159.9(055)

Ficha catalográfica elaborada por Maria Inez F. F. Machado - CRB 10/1612
Biblioteca Central da UFSM

Contato

Av. Roraima 1000, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Prédio 74-B, térreo. Santa Maria - RS. CEP: 97105-900.
Telefone: (55) 3220-9229
E-mail da equipe do Boletim: boletimceip@gmail.com
E-mail da secretaria: ufsmceip@gmail.com
Site: <http://www.ufsm.br/ceip>

Equipe da Clínica em 2016:

COORDENAÇÃO GERAL

Luís Fernando Lofrano de Oliveira

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Aline Bedin Jordão

ESTAGIÁRIOS

Alessandra Caroline Ortiz Zimmerman

Gefferson Severo da Trindade

Gerusa Morgana Bloss

Maiana Busnelo

Maitê Grassel

Matheus Pereira

Rafael Dotto Scremin

TÉCNICO ADMINISTRATIVO

Marlos da Fontoura Rodrigues

BOLSISTA

Christian Almeida Di Giacomo

INTEGRANTES DO PROJETO DE EXTENSÃO BOLETIM (IN)FORMAÇÃO

Aline Jordão (coordenadora)

Gerusa Morgana Bloss

Leonardo Senna

REALIZAÇÃO

Integrantes do Projeto Boletim

Coordenação da CEIP

EQUIPE DE REVISÃO

Luís Fernando Lofrano de Oliveira

(coordenação geral da Clínica)

Aline Bedin Jordão

(coordenação técnica da Clínica)

AGENDA

Aconteceu na CEIP:

No dia 27/04, a inauguração de uma nova modalidade de eventos clínicos. O Notas clínicas, de Luís Fernando Lofrano de Oliveira. Denominado "Noções de unidade em topologia: de superfícies a nós". Essa primeira edição surge com o pretexto de colocar em discussão questões preliminares às conferências programadas para a IV Jornada da CEIP. Luís Fernando, propõe um conjunto de notas próprias, recolhidas a partir do ensinamento de J. Lacan, de outros psicanalistas e matemáticos concernente à topologia e reunidas a propósito de certas peculiaridades da clínica que se apoia em fundamentos da psicanálise.

No dia 30/04, a VI Jornada da CEIP, que tratou da temática “Direção do Tratamento na Clínica”.

Horário de Funcionamento

De segunda a sexta-feira

Manhã: 8h30min às 11h30min

Tarde: 13h às 18h

Topologia e clínica psicanalítica: aproximações e experiências

Gerusa Morgana Bloss¹
Leonardo Senna²

Os materiais usados como referência, para esses recortes e colagens em forma de texto, são o livro intitulado *Topologia e clínica psicanalítica* de Ligia Gomes Victora, psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre e da Association Lacanienne Internationale, a participação no evento *Notas Clínicas* intitulado “Noções de unidade em topologia: de superfícies à nós” de Luís Fernando Lofrano de Oliveira, psicanalista, coordenador da CEIP, a participação na *Oficina de topologia* (oferecida por Ligia Victora na ocasião em que veio a Santa Maria) e a *VI Jornada da CEIP* – “Direção do tratamento na clínica”. Em tempo entendemos que, para nos apropriarmos de alguma maneira da topologia, é preciso que ela seja experienciada. No evento *Notas Clínicas* e na *Oficina de topologia*, deparamo-nos com cortes, colagens e, com isso, figuras uniláteras e biláteras foram sendo construídas por nós, ao mesmo tempo em que foram situados alguns conceitos referentes à topologia em Lacan. As ideias de ruptura e de situar de maneira diferente aquilo que diz respeito ao dentro-fora, que se referem não apenas ao manuseio das figuras topológicas, mas também a experiência clínica, provocam um estranhamento inicial, e deixam marcas, lacunas. Entendemos tal estranhamento enquanto algo familiar à clínica, pensando no que Freud discorre no sentido de que o estranho, *unheimlich*, remete a *heimlich*, ao familiar.

Como Ligia Victora propõe, ao nos mostrar seus escritos, podemos entender esse processo como “O verso e o reverso da topologia e da clínica, tal qual uma banda de Moebius, o que torna o estudo da topologia fundamental para os profissionais do corte e das torções: os psicanalistas”. No livro *Topologia e clínica psicanalítica*, a topologia na clínica da neurose e da psicose é o capítulo inicial, em que se introduz a noção de aproximações entre as estruturas. No decorrer do

capítulo é discutido como a topologia pode dar conta de explicar isso, a partir de uma comprovação formal da passagem entre as dimensões Real, Simbólico e Imaginário, imersões (projeções) e que o ato analítico pode ter efeito na estrutura do sujeito.

A topologia pode ser considerada a “ciência da borracha”, já que a forma em si e o tamanho das figuras não interessa. O importante, na verdade, é sua construção, o esqueleto e se é possível ser transformada em outras formas pelo processo de homeomorfismo, ou seja, não se pode rasgar nem pregar. A classificação das figuras topológicas dá-se conforme se mantenham invariantes algumas propriedades, tais como número de faces e de bordos, a vizinhança entre pontos e a fronteira entre eles. A construção das figuras topológicas (por exemplo: a banda de Moebius, o toro, a garrafa de Klein, o *cross-cap*) apresentadas são formalmente trabalhadas e definidas. A construção em si, com folhas de papel, tesoura e fita adesiva, foi um recurso experienciado no encontro do “*Notas clínicas*”. A possibilidade de manusear, transformar o papel com cortes precisos e definidos, a colagem das partes, a transformação e a surpresa da percepção quando as estruturas começam a “aparecer,” principalmente porque são contra intuitivas, são pontos imperativos, a nosso ver, para ter o mínimo de acesso à abstração do tema. A base de trabalho do pensar aqui está focalizada em formas intuídas por Lacan. Isso fica evidenciado na tentativa de demonstrar que é possível a passagem e articulações entre as referências do Real, do Simbólico e do Imaginário. Segundo as formulações de Ligia Victora, esta demonstração é importante, já que prova o que os analistas encontram na clínica, que é a relação entre a letra (corpo Real), o significante (corpo Simbólico) e a imagem (corpo Imaginário).

A topologia e as formas possíveis de estruturas com a banda de Moebius, o toro, a esfera, a superfície de Boy, a garrafa de Klein, o *cross-cap*, são modelos para pensarmos as estruturas clínicas, como a psicose (“parafrenias”, paranoia) e a neurose (neurose obsessiva, histeria). Desse modo, Lacan utilizou

variedades biláteras para compreender o Real das psicoses, como toros, esferas e seus homeomorfismos, em que Consciente e Inconsciente caminham separadamente. O toro é apresentado como sendo a estrutura do sujeito pré-castração simbólica (anterior ao corte do Significante do Outro), sendo ele com formato de uma boia ou rosca furada no meio e oco no interior. Isso representaria a estrutura do sujeito, onde o desejo, inconsciente, ficaria no centro, enquanto as demandas formariam o tecido da boia. Já no que toca a neurose, para a estrutura do sujeito pós-castração, Lacan utilizou superfícies uniláteras (banda de Moebius, cross-cap, garrafa de Klein), já que não há uma fronteira entre o interior e exterior. Para entendermos melhor esse ponto, podemos pegar uma banda de Moebius e percorrer com os dedos, sempre teremos a ideia de que irá “trancar” em algum ponto de movimento. No entanto, ao deslizarmos os dedos veremos como nunca tem fim, nunca encontramos uma barreira concreta de impedimento de passagem. Nessa variedade podemos compreender como o desejo inconsciente e realidade andam juntos.

Ainda sobre as estruturas topológicas, a banda de Moebius, feita em papel é uma cinta cortada transversalmente, girada uma vez e colada em suas duas pontas. Fica assim apenas com uma face. Essa torção modifica a forma de “encaixar”. No entanto, todo o resto (a história do sujeito) apresentada ao longo de suas ações e produções, permanece a mesma. Outra estrutura interessante é a tentativa de cortar o toro em forma de oito-interior, ela nos dá uma estrutura intermediária entre o toro e a banda de Moebius. Essas ações de cortar e colar, praticadas durante o encontro *Notas clínicas e a oficina de topologia*, ofereceu-nos certa experiência, até contra a intuição costumeira, sobre como seria o resultado depois dessas ações. Ofereceu-nos também um novo modo de visualizar a teoria referente à topologia relacionada com a clínica. Victora (2013, p. 18) diz que: “As intervenções em análise devem ser sempre pensadas como procedimento via-significante. Mesmo quando o analista responder com seu silêncio ou com o corte da sessão, é a linguagem que opera ali.”

Ademais, é imperativo salientarmos as diferenças topológicas entre a neurose obsessiva e a histeria apresentadas pela autora. A neurose obsessiva poderia ser melhor entendida pela estrutura do *cross-cap*, estrutura essa construída durante a Oficina. Nesse momento de aprendizado utilizamos pedaços de tecidos, linha e agulha. Construímos um *cross-cap* de tecido. Pudemos manusear essa estrutura e apenas pela construção e ação de cortar e costurar conseguimos ter a noção de como funciona. Vandermersch (1992 apud Victora 2013, p. 65), propõe que: “Na neurose obsessiva o corte do *cross-cap* em vez de se fechar moebianamente em torno do falo, seja infinito. Isso vai instaurar um sistema de querelas, de isolamento contra a contaminação pelo objeto não cedido, as infâmias, os pensamentos obcecados pelo objeto”.

Quando pensamos a histeria, a estrutura proposta por Lacan foi a garrafa de Klein, tornando-a formalizada e assim oferecendo somente em termos da estrutura disposta pela linguagem – “o corpo virado do avesso”. Desse modo, a relação entre a garrafa de Klein, a histeria e o discurso dito histérico, seria o que disse Lacan ao afirmar que: “A histérica conjugaria a verdade de seu gozo ao saber implacável que ela tem, de que o Outro próprio para causar desejo é o falo, ao menos, um substituto do falo”. Na garrafa de Klein existe um ponto de inflexão, um momento de reviramento em que o pescoço da garrafa atravessa seu corpo em direção ao interior, ou seja, a mesma coisa que se poderia pensar da função do discurso histérico e suas expressões no corpo.

Na segunda parte do livro, Ligia Victora traz algumas reflexões acerca do problema da decidibilidade na matemática e na psicanálise. Algumas questões importantes referem-se à possibilidade ou não da passagem entre estruturas diferentes e se esta deve ser decidida na infância, adolescência ou idade adulta. Para a autora, é possível considerar que um diagnóstico está “decidido” quando pode ser identificada a lógica de funcionamento no discurso e na sintomática, dentro da teoria da psicanálise. Ela apresenta a biografia de Blaise

Pascal e de Alan Turing – ambos inventores que começaram a vida como crianças “normais” e “enlouqueceram” ao longo da vida. Será possível, portanto, a passagem da lógica neurótica à lógica psicótica na idade adulta? Será possível o retorno a uma lógica neurótica? “(...) na prática, o problema da indecidibilidade entre uma neurose e uma psicose, ou a migração constante entre elas, acabou por tornar sua vida invectiva para si mesma e culminando com passagens ao ato”. (VICTORA, 2013, p. 81). Ligia propõe que a psicanálise pode ser uma saída para tais situações.

Enquanto formalização das estruturas da clínica psicanalítica, o recurso à topologia tem sido importante para pensar o complexo tema da migração entre as estruturas. A escrita desse texto nos desafiou, uma vez que entramos em contato com questões com as quais não havíamos tido contato anteriormente, e que exigem precisão ao serem situadas. Houve uma aproximação com a topologia à medida que nos permitimos vivenciar a construção: ao cortar, colar, fazer torções, costurar, nos deparamos com as surpresas inerentes ao manuseio de figuras topológicas. Para além do que é aprendido conceitualmente, trata-se do que é vivenciado. O recurso à escrita possibilitou a articulação conceitual que também é imprescindível, e a publicação destas questões visa despertar a curiosidade diante do que nos tocou e diante das possibilidades que nos oferece a topologia a partir da clínica.

REFERÊNCIA

VICTORA, L.G. *Topologia e clínica psicanalítica*. 2ed. Porto Alegre: Redes Editora, 2013.

¹ Acadêmica de Psicologia-UFSM e estagiária da CEIP

² Acadêmico de Psicologia-UFSM

Entrevista

O olhar dos psicanalistas voltou-se para a matemática em função do chamado ensino de Lacan. De fato, para efeitos de transmissão da psicanálise, a topologia passou a fazer parte das letras deste erudito psicanalista. Presente em sua fala e em seus escritos desde cedo na sua obra, esse ramo da matemática chamou a atenção dos seus seguidores. Afinal, para segui-lo era preciso instruir-se nisso também.

O verbo matematizar não existe em português, infelizmente. Mas a realização de matemáticas é propriamente a ação em questão no recurso à topologia para efeitos de transmissão em psicanálise. Trata-se de uma espécie de escrita, ou seja, de disponibilizar uma conjunção de suportes figurantes de unidade que pode, por efeito de leitura, causar uma impressão de sentido apropriado no seu eventual leitor. Com isto os psicanalistas estão acostumados desde Freud, por depararem-se também com a produção de sentido em função da desfiguração do discurso.

Para ter notícias da experiência de alguém que se envolveu com a topologia em psicanálise, o (In)formação procurou Ligia Victora e fez-lhe algumas perguntas a esse respeito, às quais ela respondeu nos seguintes termos.

Como se deu o interesse na psicanálise pelo estudo da topologia? A partir de que indagações se recorreu à topologia?

Desde pequena sempre gostei de Matemática, e uma das minhas opções ao fazer o Vestibular da UFRGS era cursar Física. Optei por fazer Filosofia – para estudar Lógica – e Psicologia – para trabalhar com Psicanálise. Assim, quando comecei a estudar Lacan, a paixão foi instantânea: logo me identifiquei com esta vertente da formalização através das matemáticas, dentre elas a Topologia.

De que modo a articulação entre a psicanálise e a topologia ajuda a avançarmos em alguns conceitos relativos à clínica?

De muitas maneiras, e o fazemos sem nem mesmo nos darmos conta disso! Desde o estabelecimento do diagnóstico – como um

processo dialético dentro da transferência – até na direção do tratamento, utilizamos as diferentes vertentes das matemáticas, dentre as quais a topologia. Lacan disse que pensamos em forma de nós. Eu acrescentaria: não somente em forma de nós, mas certamente em forma de redes, onde um significante se liga a outros, de forma simultânea e constante. Atualmente não consigo imaginar a psicanálise sem a topologia.

Você refere que a partir de alguns pressupostos da topologia utilizados por Lacan se podem conceber as estruturas clínicas freudianas, assim como aspectos da direção do tratamento na clínica. Poderia discorrer um pouco sobre esta assertiva?

Sim. Por exemplo, na topologia apresentada no Seminário A identificação, temos toda teoria freudiana da Psicologia de grupos e análise do eu (Freud, 1921), desde o nascimento do sujeito através das identificações até a formação de relações como o amor e os grupos. Lacan trabalha com o toro (pneu) e o chamado cross-cap (representação do plano-projetivo), experimentando em seus cortes e colagens diversos momentos da subjetivação (nascimento, Édipo, etc.), assim como os diferentes quadros clínicos (autismo, neuroses, perversão, etc).

Em seu livro, você traz a dimensão da decidibilidade, conceito retirado da matemática e da lógica. Na afirmação “(...) O analista muitas vezes já sabe no que vai dar o relato de seu paciente” (pg. 27) podemos visualizar essa dimensão? Teria algo de uma certa previsibilidade em questão?

Não. Eu me referia a um campo simbólico, conceito de Pierre Bourdieu ampliado do campo social para o âmbito das comunicações – onde através de um código linguístico um significante de alguém (no caso, o analisante) se relaciona com outros significantes de outrem (no caso, o analista), permitindo, na confiança adquirida entre eles, fenômenos tão delicados como a transferência e a interpretação.

A oficina de topologia é uma proposta recorrente em sua prática. Como você tem percebido os fundamentos e efeitos deste trabalho?

As oficinas são fundamentais para a compreensão e a apreensão dos conceitos topológicos e da teoria dos nós. Somente manipulando, cortando, colando os materiais alguém pode se apropriar dos fatos surpreendentes que ocorrem e fazer as associações com os fenômenos que sucedem durante uma psicanálise.

Entre o gozo e o desejo: a angústia na clínica

Maitê Grassel¹

A produção desta escrita levou-me a reflexões e questionamentos acerca da prática clínica. Prática essa que já é permeada por muitas questões, especialmente quando se está na posição de estagiária. Aliás, a própria posição de estagiária é uma questão, afinal, a posição que se assume, na clínica, é uma posição de escuta. Ao pensar no transcurso da experiência da escuta, é inevitável que surjam questões acerca de como conduzir o tratamento e principalmente dos impasses que possam aparecer aí.

A escuta clínica é uma escuta do singular, é uma prática guiada pelo um a um, de tomar caso por caso. E é aí nessa escuta, no transcurso do tratamento, que irão surgir questões a respeito do lugar em que o paciente se situa no seu discurso, como ele nos toma na transferência e como ele lida com aquilo que é da ordem do seu desejo.

E é no discurso do paciente, no seu “palavrear” para tentar dar conta daquilo que o comove, que pode emergir algo, que podemos escutar algo que está num campo do fora de sentido. Algo que surge no tratamento que nos desafia pelo seu caráter de excesso. Aqui estou me referindo à angústia, e para pensar sobre o surgimento da mesma no discurso do paciente e como isso nos desafia na prática clínica, considero ser fundamental situar de que angústia se fala aqui.

É essencial assinalar a partir de que leituras trarei a introdução da concepção de angústia, pois esse é um termo muito recorrente no senso comum, e penso ser importante fazer uma leitura da angústia para além desse senso comum, dado a sua relevância na clínica. Para isso, para tentar aborda-la (ou bordeia-la) usarei aqui, como principais referências, textos de Freud e Lacan, especialmente o seminário 10 de Lacan, *Angústia* (1962-1963), e os textos de Freud, *Inibição, Sintoma e Angústia*, escrito em 1926 e *Novas Conferências Introdutórias à*

Psicanálise de 1933. É no seminário 10 que Lacan trata diretamente sobre o tema da angústia, e vai nos dizer que “essa angústia, lhes faço entender como algo que é, em si mesmo, da ordem da aproximação”. Essa citação me remete ao que Freud nos traz em seu texto *Inibição, Sintoma e Angústia*, no qual nos fala que busca “um entendimento que nos leve à natureza da angústia, um critério que distinga o que é verdadeiro e errado acerca dela. Mas isso não é coisa fácil, a angústia é algo difícil de apreender”. A palavra *apreender* que aparece aqui está no original em alemão como “*erfassen*”, que pode também ser traduzida por “capturar”.

Podemos ver nessas duas citações de Lacan e Freud algo em comum: a angústia é algo difícil de se apreender, de se “agarrar” por assim dizer, por ela estar nessa ordem da aproximação. É algo que escapa. Penso ser importante marcar aqui isso que Lacan traz da “ordem da aproximação”. Pensar a angústia como algo que se aproxima, como um “quase”. Quase porque não se pode capturá-la, nem com palavras nem com imagens. Como então dizer isso?

Podemos, a partir disso, pensar a angústia como fora de sentido, pois isso que emerge é algo difícil de nomear, impossível de representar, mas que quando surge é algo que se sente no corpo, em estado de afeto. Aqui gostaria de lembrar que Freud, em 1915, nos diz que a pulsão quando não é representada aparece sob estado de afeto.

Apesar de haver divergências sobre a concepção de angústia para Freud e para Lacan é interessante notar que ambos concebem a angústia como um afeto. Nessa fala não irei discorrer acerca das divergências sobre a angústia entre esses dois autores, divergências essas bem pontuais. Pretendo deixar essa discussão para quem sabe, outro momento.

Mas, voltemos à questão da angústia como afeto. Freud já trazia em seu texto, *Inibição, Sintoma e Angústia*, a angústia como um afeto. Afirmação essa reiterada quase dez anos depois, em “*Novas lições introdutórias à psicanálise*” de 1933, no qual dedica uma lição

nomeada “Angústia e Vida Pulsional”, sobre a concepção da angústia. A ideia da angústia como afeto é uma ideia que Freud mantém ao longo de sua obra.

Apesar de ele fazer importantes modificações na concepção da angústia, a noção de angústia como afeto é algo que permanece.

Já Lacan no início do seminário 10 nos questiona: *“Que é a angústia? Afastamos a ideia de que seja uma emoção. Para introduzi-la, direi que ela é um afeto”*. Lacan segue sua fala pontuando que ele, vez por outra, tentou falar sobre o afeto a partir do que ele não é. E aí diz que: *“(…) o que eu disse sobre o afeto foi que ele não é recalcado. Isso, Freud o diz como eu. Ele se desprende, fica à deriva. Podemos encontrá-lo deslocado, enlouquecido, invertido, metabolizado, mas ele não é recalcado”*.

Aqui podemos pensar a angústia como afeto, pois ela não corresponde ao recalçamento. Lacan nesse seminário também nos vai trazer que a angústia é o afeto que não engana: *“O que esperávamos, afinal de contas, e que é a verdadeira substância da angústia, é aquilo que não engana, o que está fora de dúvida”*.

A angústia como afeto que não engana é algo que Lacan vai marcar bastante nesse seminário. Tentarei trazer aqui algo disso que Lacan discorre em seu seminário para podermos pensar nisso que não engana.

Lacan nos vai falar que *“O próprio Freud nos diz que a angústia é, essencialmente Angst vor etwas, angústia diante de algo.”* E aí traz que *“Somente a ideia de real, na função opaca de que falo para opor-lhe a do significante, permite que nos orientemos. Já podemos dizer que esse etwas (algo) diante do qual a angústia funciona como sinal é da ordem da irreducibilidade do real. Foi nesse sentido que ousei formular diante de vocês que a angústia, dentre todos os sinais, é aquele que não engana”*.

Aqui podemos ver aquilo que eu já tinha apontado anteriormente, da angústia como algo da ordem da aproximação, como sinal que aponta ao real. Lacan traz que a angústia é um sinal, mas que não é um sinal como os outros.

Os outros sinais enganam, a angústia não. E é justamente aí que é pertinente vermos a importância da aparição da angústia na clínica. Podemos pensar na direção que vamos conduzir o tratamento, no sentido de permanecer na posição de escuta, apesar da dificuldade de suportá-la, permitindo que ela nos oriente com relação a isso que não engana.

Há uma questão que gostaria de apontar nessa fala, que está relacionada ao título da mesma. A questão é em qual lugar Lacan vai situar a angústia na operação da divisão do sujeito. Divisão na qual o sujeito ainda inexistente será marcado pelo traço unário do significante que provém do campo do Outro. Qual seria a relação disso com a constituição do desejo?

Bem, Lacan situa três tempos nessa divisão e três patamares que vão corresponder a ela. A respeito desses três patamares nos fala que: *“São eles, respectivamente, o gozo, a angústia e o desejo. É nessa disposição de patamares que avançarei, para lhes mostrar a função – não mediadora, mas mediana- da angústia entre o gozo e o desejo”*.

Podemos notar, nessa citação, que Lacan enfatiza a função mediana da angústia entre o gozo e o desejo. Presumimos que aqui ele fala em termos matemáticos. Também coloca a angústia num tempo anterior ao desejo. Sobre isso Lacan já havia dito que a angústia se situa num momento logicamente anterior ao momento do desejo. Ele também nos diz que *“(…) o tempo da angústia não está ausente da constituição do desejo, mesmo que esse tempo seja elidido, não seja identificável no concreto”*.

É importante lembrar que na operação da divisão do sujeito, Lacan nos diz que existe um resto dessa divisão que é irreducível, e que ele chamou de pequeno a (*autre-* outro em francês). Sobre esse a Lacan nos diz que: *“ele é justamente o que resiste a qualquer assimilação à função do significante, e é por isso mesmo que simboliza o que, na esfera do significante sempre se apresenta como perdido, como que se perde para a “significatização”*.

Aí Lacan nos fala que é justamente esse

dejeto, essa queda, o que resiste “à significantização, que vem a se mostrar constitutivo do fundamento como tal do sujeito desejante- não mais do sujeito do gozo, porém o sujeito como aquele que está no caminho da sua busca, a qual não é busca do seu gozo”. Lacan vai situar a angústia na hiância do desejo no gozo. Ele nos diz que “ao querer fazer esse gozo entrar no lugar do Outro, como lugar do significante, que o sujeito se precipita, antecipa-se como desejante. (...) a angústia, portanto, é um termo intermediário entre o gozo e o desejo, uma vez que é depois de superada a angústia, e fundamentado no tempo da angústia, que o desejo se constitui”.

Agora, pensando na experiência da escuta, acredito ser interessante trazer um breve relato que se apresentou no tratamento de uma paciente, e que me fez pensar na questão da angústia. Nesse relato, algo emerge como difícil de nomear, a paciente tem dificuldades de encontrar palavras e sentido para falar disso que a afeta.

Ela me diz que: “ultimamente tenho sentido algo que não sei o que é, sinto uma espécie de ansiedade, não sei o porquê, sinto isso no corpo, é algo muito forte, parece que vou ter uma convulsão, um ataque de pânico, não sei o que é isso, mas surge de repente, e estou tendo isso mais seguidamente, o que será que é isso?”.

Aí há algo que irrompe no corpo, algo de insuportável, de sem-sentido, algo difícil de borderar. Aí ela demanda que eu, que estou nessa posição de escuta e de um suposto saber, responda a ela, dê algum sentido a isso que ela sente.

A paciente tenta através de seu discurso aproximar-se de um sentido com relação a isso que a afetou, pois para ela (e acredito que para qualquer um) não é algo simples ficar “sem referências”, nem que seja por alguns instantes. Chamou-me a atenção que ela traz o termo “ataque de pânico”, termo esse muito recorrente na psiquiatria e também no discurso atual da nossa sociedade. É pertinente pensar também que vivemos numa época de um exacerbado consumo de remédios psicotrópicos que geram um apagamento,

buscam “tamponar” a angústia ou qualquer outro afeto que possa surgir, medicamentos que acabam apagando o sujeito e o seu desejo.

Isso tudo em nome de uma exigência à “felicidade”, um discurso social que nos “obriga” cruelmente a sermos constantemente felizes, como se isso fosse da ordem do possível. Lacan nunca nos disse para “desangustiar”, ele diz que há que atravessar a angústia e obviamente a angústia não vai “desaparecer”.

Quero aqui reiterar a importância da aparição da angústia na clínica por ela ser algo próprio da clínica, pois se a angústia é da ordem da aproximação podemos pensar que a clínica também o é. E pensando numa das origens do termo “clínica” - se *inclin*ar sobre, se *aproximar*, realizar algo da ordem da aproximação.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. Pulsões e o destino das pulsões. In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente- Obras Completas** (1915). Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2004.
- _____. Inibição, Sintoma e Angústia. In: **Obras Completas – Volume 17** (1926-1929). São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2014.
- _____. Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise. In: **Obras Completas- Volume 18** (1930-1936). São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2010.
- LACAN, J. **O seminário livro 10: a angústia**. (1962-1963). Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005

¹Acadêmica de psicologia e estagiária da CEIP.

Do diário de luto ao trabalho de luto: Recortes

Luís Henrique Ramalho Pereira¹

“Que o luto seja levado a seu estatuto de ato. A psicanálise tende a reduzir o luto a um trabalho; mas há um abismo entre o trabalho e a subjetivação de uma perda. O ato, este, é suscetível de efetuar no sujeito uma perda sem qualquer compensação, uma perda seca” [...] “Que a morte induza o luto ao ato”. (Allouch, 2004, p. 11)

Uma perda seca como potência, para além do trabalho que nos propõem Allouch. Como enfrentamos esse abismo? Produzir desvios, curvas, novas trajetórias? É a partir desses desvios que podemos pensar o sujeito e suas possibilidades de articulação com seus significantes? Em que **lugar** o sujeito está no seu ordenamento frente a tal discurso e em que **tempo** o sujeito está situado para realizar tal tarefa? Ou seja, como enfrentamos o difícil trabalho de luto?

A fantasia, por mais que saibamos de sua potência, não é capaz de despistar, ou fazer desaparecer a morte, enlutamos. Expulsar o luto frente a perda do objeto amado passa a ser uma operação bastante arriscada. Forcluí-lo teria qual consequência psíquica? Resistir a “realidade do atropelamento” e seus imperativos no campo da perda do objeto implicaria qual dinâmica para o enlutado? Essas são algumas perguntas que somos forçados a produzir diante desse tema da clínica, ou seja, somos lançados em um mundo estilhaçado, espedaçado, corroído pelo perdido, em que os objetos disponíveis, em um determinado tempo de articulação, não são capazes de sustentar o que restou e sua desarticulação, ou mais precisamente, a precariedade da articulação do resto e portanto necessitando uma forma de rearticulação possível. Uma das faces do luto é impor aos sujeitos uma espécie de atividade, a de “praticarem saudades”, uma forma aparente de interioridade solitária e confusa, uma composição de tristeza com enclausuramento.

Quando um objeto de nossa fantasia é

perdido, a fantasia passa por uma torção, ou seja, a fantasia palco de nosso habitar é abalada, uma espécie de ruptura, um desequilíbrio da “homeostase psíquica”, ou seja, todo o trabalho se dá como uma tentativa de recomposição, ou melhor, uma rearticulação. O trabalho do luto frente a insuficiência de elaboração fracassará quando a fantasia sucumbe a insuficiência do Simbólico frente ao Real, pois é uma tarefa árdua encontrar o novo para sobreviver a perda, pois a perda é a falta desse significante que não nos apresenta, a “morte”, já que Freud (1915/198) nos afirma que o inconsciente não tem representação sobre a nossa própria morte, ou seja, a morte passa pelo corpo próprio por excelência, sendo assim, essa experiência é determinada pelo corpo e seus desaparecimentos.

Para Lacan (1959/2016) - aula de 22-04-1959 - o luto é uma perda intolerável para o ser humano, provocando “um buraco no real esse buraco oferece o lugar onde se projeta precisamente o significante faltante” (p.360). O trabalho de luto dá-se, primeiramente, “como uma satisfação dada à desordem que se produz em razão da insuficiência de todos os elementos significantes em fazer frente ao buraco criado na existência” (p.361).

Laplanche e Pontalis (2001) situa o primeiro aparecimento do tema luto na obra de Freud em 1895, em seu *Estudos sobre a Histeria*, onde a noção de trabalho de luto aproximava-se da noção mais geral de elaboração psíquica. Parece que exatamente nesse ponto nos enveredamos por um caminho onde as impressões traumáticas ligam-se ao aparelho psíquico proposto por Freud. Chegamos ao ponto que culmina na elucidação do que Freud chama de elaboração psíquica, onde ele irá nos conduzir no trabalho realizado pelo aparelho psíquico na tentativa “dominar as excitações”, através de uma série de associações que permitiriam uma nova dimensão no campo da representação. Freud (1917/1989) afirma então três proposições frente o trabalho que cabe ao enlutado em questão:

1) recusa da morte do objeto amado transforma-se na prova cabal que a realidade

afirma a inexistência do objeto, e sentencia a retirada de toda a libido do objeto perdido. Uma recusa como essa pode produzir um afastamento da realidade e, inclusive, a presentificação do objeto como em *Hamlet*;

2) Tempo doloroso, de desligamento do objeto; objeto perdido. As recordações ligadas ao objeto são postas a prova, instante de retirada do investimento pela vida do enlutado;

3) Eu em direção da possibilidade de substituição do objeto perdido por outro objeto.

No sentido proposto por Freud (1917/1989), no clássico texto *Luto e Melancolia*, abre-se o flanco para a dimensão do trabalho, ou seja, ele assinala a implicação da noção de elaboração psíquica em tal trabalho de luto remetendo ao seu equivalente trabalho do sonho, sobre tal natureza, Freud nos conduz às seguintes direções fundamentais sobre o trabalho:

1) Não estamos no território da criação, mas de uma espécie de “transformação de tal material”;

2) Tal material não é um conteúdo latente, mas constitui o que é de mais essencial no sonho – um certo impossível de acesso.

Ou seja, esses dois correspondentes, o trabalho do sonhos e o trabalho do luto, representam uma razoável articulação com os significantes, significantes esses que dispomos e, a partir deles, sem contar para além deles, nos lançamos na tarefa de promoção de uma rearticulação significativa que nos permita historicizar a perda.

“Quando alguém perde uma pessoa que lhe estava próxima e era querida, tem sonhos de um tipo especial durante algum tempo após a perda, nos quais o conhecimento da morte leva aos mais estranhos acordos com a necessidade de trazer a pessoa morta novamente à vida. Em alguns desses sonhos, a pessoa que morreu está morta e, ao mesmo tempo, ainda está viva (...) Em outros, está semimorta e semiviva” (FREUD, 1915a /1989).

Ao estabelecermos um rápido paralelo quanto a tais trabalhos, e sua relação com a elaboração psíquica, podemos já seguindo as

indicativas de Freud (1917/1989) afirmar que é ao perdermos o objeto que nos defrontamos com uma ruptura que nos lança no terreno do desamparo, da ausência e é exatamente nesse instante que “...o eu, obrigado, por assim dizer, a decidir se quer partilhar este destino, considerando o conjunto das satisfações narcísicas que existem em continuar vivo, decide quebrar sua ligação com o objeto destruído” (p. 260). Decorre daí uma série de investimentos, que culminaria em um trabalho que segundo Laplanche e Pontalis (2001) consistiria em “matar o morto”. E é exatamente aí que o diário como trabalho pode ser pensado, como lugar onde a dimensão da escrita venha a se propor subsidiar o elemento perdido, enquanto margeado, borda, um litoral móvel. Cada palavra lançada ali visa reter por um instante algo que não cessa de ir, e se faz necessário inscrições outras para perda. Um diário a ser lido é um diário de oferenda a uma letra não lida no futuro, a um leitor suposto. E como oferenda o luto é um potente ato de sacrifício, consagrando a *perda ao suplementá-la com um pequeno pedaço de si*” (p.24), nos diz Jean Allouch quando se referindo a *Hamlet*. Já o poeta Waly Salomão (1996) nos afirma que “escrever é se vingar da perda” (p.33).

A grande insuficiência do trabalho é encontrar ferramentas-articulações possíveis para a precariedade das palavras que possam explicar o vivido, a escassez de tais palavras nos lançam em relatos mínimos, diários mínimos como o de Barthes (2011) frente a seu luto. Diários mínimos porque são o somatório de inúmeros fragmentos registrados ao longo de um período de enlutamento, somam-se 330 fichas na sua grande maioria datadas. Barthes, entre outubro de 1977, mês do falecimento de sua mãe, e Setembro de 1979 manteve um diário, diário esse publicado sobre o título “Diário de Luto”. Nesse diário temos inúmeros registros da percepção de um sujeito enlutado, padecendo da falta, encontramos em sua escrita inúmeras concepções de luto, como:

“Luto: aprendi que ele é imutável e esporádico: Ele não se desgasta, porque não é contínuo. 18-02-1978”. (p. 92) Ou:

“Luto: não um esmagamento, um bloqueio (o que suporia um preenchimento), mas uma disponibilidade dolorosa: estou em alerta, esperando, espiando a vinda de um “sentido de vida”. 8-12-77”. (p.77)

Assolado por tal luto, a escrita em diários é, talvez, uma possibilidade de desdobrar o que *“implica estar disposto a suportar o lugar de ausência produzido como efeito de toda escritura”*. (Ricks, 2010, p. 126)

Há aí uma descoberta, de que algo entre o passado e o presente ainda resiste, mas cada vez mais estranhamente colocado, como rastro, mas solicita uma reimpressão que viabilize a instauração de um **novo** estatuto relacional e fundamentalmente que possibilite o trânsito entre as fronteiras do dizível e do indizível, que instaure o comunicável doloroso. Como podemos pensar diante desse limite o novo?

Um significante novo se aplicaria aqui? Um significante que não seja recebido mas fundamentalmente inventado. Um significante capaz de desempenhar um papel fundamental em um novo topos. Lacan nos afirma que:

“...é que a invenção de um significante é algo diferente da memória. Não é que a criança invente; esse significante, ela o recebe, e é isso mesmo que seria importante que se fizesse mais. Porque é que não se inventaria um significante novo? Nossos significantes são sempre recebidos. Um significante, por exemplo, que não tivesse, como o real, nenhuma espécie de sentido. Quem sabe, talvez isso fosse fecundo.” (Seminário XXIV, aula do dia 17-5-1977).

REFERÊNCIAS

ALLOCHE, J. **A erótica do luto**: no tempo da morte seca. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

BARTHES, R. **Diário de luto**. São Paulo, SP. Martins Fontes, 2011.

FREUD, S. (1915). De guerra y muerte. Temas de actualidad. In: **Obras completas**. 2. ed., v. 14, pp. 273-303. Buenos Aires, AR: Amorrortu, 1989.

_____. (1915) Suplemento metapsicológica a la doctrina de los sueños. (1915^a). In: **Obras completas**. v. 14, pp. 215-234. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.

_____. Duelo y la melancolía (1917). In: **Obras completas**. v. 14, pp. 235-265. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.

LACAN, J. (1959). **Seminário livro 6** – O desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro, RJ. Jorge Zahar ED. 2016.

_____. **Seminário XXIV** - “L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre”. Inédito. 1976-77.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo, SP. Martins Fontes, 2001.

RICKS, S. Escrita em companhia. Scotti, Sergio; **Escrita e Psicanálise II**. Curitiba: Ed. CRV, 2010.

SALOMÃO, W. **Algarvias-Câmara de Ecos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

¹ Psicanalista, Integrante da Prévôtê Espaço Psicanalítico, Professor do curso de Psicologia da ULBRA/SM.

Uma introdução ao Nó Borromeano

Angela Vorcaro¹
Carla Capanema²

Para situar a condição do ser falante, Lacan (1974-5) se serve da topologia do nó borromeano de três anéis, em que cada “rodela” remete a uma das três dimensões psíquicas: Real (R), Simbólico (S) e Imaginário (I). Nesse nó, Lacan explicita a importância da posição equivalente dos três registros, ao mesmo tempo em que os distingue: cada um deles se relaciona com os outros dois em um modo de alteridade em que nenhum deles se liga exclusivamente ao outro, sempre havendo um terceiro que lhes faz mediação.

Portanto, o sujeito está triplamente determinado por três cordas: cada uma tem seu furo, sua consistência e sua “ex-sistência”, ou seja, há consistência em R, S, I; há buraco em R, S, I, e há “ex-sistência”, em R,S,I. A heterogeneidade que se mantém, especificando cada registro, pode ser constatada nos outros dois, demonstrando uma modalidade particular de atamento entre os três que, por isso, fazem Um.

Embora os três registros R.S.I. estejam articulados em equivalência quanto a suas posições, eles distinguem-se nas suas funções:

- O Real é um lugar ao qual sempre se retorna como alguma coisa de estritamente impensável, da ordem de um impossível ao qual o sujeito não tem acesso. É incompatível com a representação em que o inconsciente se sustenta, portanto a coisa inapreensível.

Vale lembrar que a topologia define o espaço por meio das relações entre os movimentos diacrônicos de uma estrutura sincrônica (Granon-Lafont, 1988). O que estrutura o espaço é a invariância de um objeto (sincronia) cujos movimentos alteram sua apresentação (diacronia). Um objeto, dessa maneira, será considerado igual a outro se ele passa de um a outro por meio de uma deformação contínua. Temos então a continuidade da equivalência, a despeito das deformações que modificam sua apresentação formal. Há estrutura quando as incidências que afetam o objeto, provocando movimentos, dobras e torções alteram sua configuração, sem que ele se rompa.

- **O Simbólico é o equívoco: à medida que o inconsciente se sustenta em alguma coisa que é estruturada como o Simbólico, há um equívoco fundamental entre o sujeito e a língua.** Assim, para além do sentido das

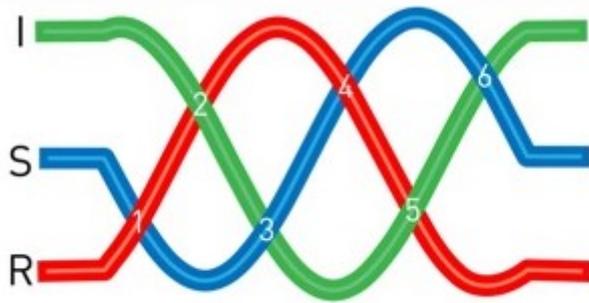
palavras ditas, há um gozo no dizer. O que faz com que o Real possa ser situável num lugar do espaço é o Simbólico. As cifras bordejam o Real impossível de ser dito, escrevendo o contorno de seus limites, isto é, os termos escrevem a ausência e permitem a veiculação cifrada que o envolve, produzindo o deslizamento significativo substitutivo desse inapreensível, porém sem equivaler a ele.

- O Imaginário é o sentido: ele tem como ponto de partida a referência ao corpo, mas não se trata do corpo como organismo, tampouco apenas do corpo determinado pelo Outro ou numa relação especular com o semelhante. O Imaginário estabelece sentido ao Simbólico, aos significantes, sendo efeito de escritura do Simbólico de ler diferente do que está escrito. Dessa forma, o pensamento não é apenas Simbólico, ele diz respeito ao Imaginário quando se pensa privilegiando um sentido.

No *O seminário, livro 21: Le non-dupes errant* (1974[1973]), Lacan aproximou o nó e a cadeia borromeana à trança, que coloca em evidência o elemento temporal da constituição do sujeito, por meio de seis movimentos que revelam a sincronia e diacronia dos deslocamentos R. S. I.

Movidas por esse percurso, em estudos topológicos anteriores (Vorcaro 1997; 2004; 2009) e Vorcaro & Capanema 2011), realizamos uma operação de corte sobre cada um dos três anéis atados borromeamente. Com esse artifício, desmanchamos o nó em três retas paralelas para abordar a constituição do sujeito como um nó tramado a partir de sua disposição trançada, localizando cada cruzamento como constituinte do sujeito.

Retomando esse percurso, apresentamos os seis cruzamentos entre R. S. I., até seu retorno ao ponto de partida, a datar do modelo edípico freudiano desdobrado por Lacan (1995; 1999):



Seis cruzamentos da trança
(Fonte: Capanema, C. 2015)

Partimos de uma posição zero, que precede o início da trança. Trata-se do lugar em que o Real do organismo neonato é inserido no Imaginário (realidade psíquica do agente materno), que o localizava no campo discursivo antes que ele nascesse e equivalendo, ainda, à consistência dos sentidos que interpretam suas manifestações, supondo-lhes intencionalidade subjetiva. O encontro do Real do organismo ao Imaginário de um agente se faz por meio da produção de uma matriz simbolizante mínima que afeta a ambos. É o que define a ordem R.S.I. delimitando o primeiro estado dos três registros, antes do cruzamento destes, em trança. O Simbólico, naquilo que é primeiramente incorporado pelo indivíduo biológico, se reduz à composição articulada de dois termos que se opõe e se conjugam. É isso que permitirá distinguir àquele que o vive, uma experiência de satisfação. Aí, presença e ausência intercalam-se na automaticidade que articula a resposta materna à manifestação da necessidade. Essa matriz, que inscreve a alternância de dois estados é o que pode ser hipotetizado como sendo o que há de simbólico para a criança, assentando a condição de subjetivação. Nada há, de sujeito, nesse momento mítico: uma matriz simbólica acéfala que permite a alternância tensão e apaziguamento, submetendo o organismo à consistência imaginária que lhe é suposta pelo agente que lhe responde. Podemos, assim, distinguir o organismo como algo de real, a alternância entre os termos (tensão e apaziguamento e, logo a seguir, ausência e presença) como simbólica, e a consistência dos sentidos, em que o agente materno interpreta o organismo, como imaginária. É o que nos permite planificar R., S., I. como três linhas vizinhas e maleáveis, que sofrerão

deformações contínuas (Vorcaro, 1997; 2009).

Observemos, agora, um primeiro cruzamento: incidência do Real (não representável) no Simbólico (cujo desempenho é presidido pelo ritmo binário presença-ausência. Quando, por efeito do próprio funcionamento significativo onde a criança está imersa, essa alternância não se mantém, o organismo é afetado pela descontinuidade: o Real incide no Simbólico, perfurando sua matriz mínima. Diante desse Real o organismo recruta o grito, assim transformado em apelo ao retorno da matriz anterior. Os objetos oferecidos para o gozo do ser não reencontram um gozo pleno supostamente havido, mas sublinham o traço da diferença entre gozo esperado e gozo obtido. Esse traço é cunhado no sujeito.

Um segundo cruzamento supera essa descontinuidade no funcionamento da matriz simbólica. A criança situa o agente da privação na alteridade e localiza nela a possibilidade de satisfação, supondo nela o saber sobre seu gozo. Assim, a falta Real no Simbólico é recoberta com a imagem da potência do agente materno, incidência do Imaginário no Real.

No terceiro cruzamento, a mãe imaginada onipotente deixa-se sentir afetada em sua potência. Ela demanda à criança o que a criança não sabe dar. Aí, duas faltas se recobrem sem reciprocidade. A criança tenta determinar o desejo materno e se oferece como termo que o contempla, ocupando o lugar fálico a que pode supor equivaler. No pressentimento do falo constituindo uma falta na mãe — falta que não consegue recobrir, mas supõe preencher —, traça-se o perfil da estrutura simbólica. Nesse lugar fálico, a criança opera simbolicamente, lidando com a falta. O Simbólico recobre então o Imaginário: a criança propõe-se como falo, tentando determinar o desejo materno, projetando-se como termo simbólico que equaciona a falta pressentida na mãe.

Já no quarto cruzamento, a criança presente que essa posição que ela adota, de signo do falo, não se sustenta, pois não satisfaz a mãe. E se ela pode supor-se ser, ela não tem como defender-se, e angustia-se diante do risco

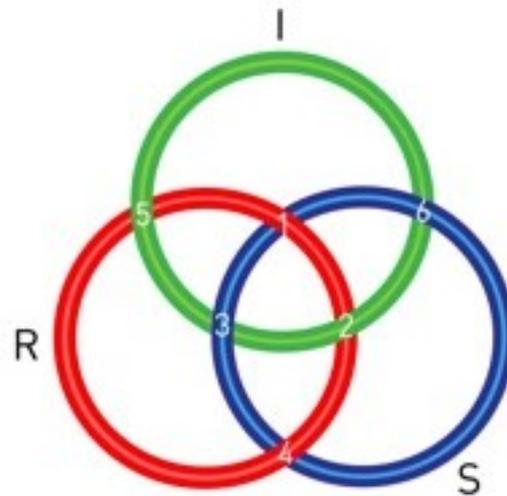
de ser anulada. A criança busca algo que a defenda do desejo materno, deparando-se com algo de Real que priva e interdita a mãe. A criança constata que há um constrangimento que incide nelas, um obstáculo intransponível, Real entre criança e mãe.

No quinto cruzamento, o obstáculo intransponível será situado: a impossibilidade real de ser o objeto do gozo materno é reencontrada, de modo imaginário, personificada no pai mitificado em sua onipotência. Apesar de terrível, por lhe tirar a mãe, defende-a da voracidade materna ilimitada. A idealização, o temor e a agressividade são articulados pela transição mítica que é aí produzida: o Real recobre o Imaginário.

O sexto cruzamento é efeito da exaustão combinatória da articulação das formas da impossibilidade de ser o falo materno, que esgota a permutação da relação Imaginária da criança com o Real. Produz-se a metáfora paterna, o último deslocamento da trança, em que o Simbólico ultrapassa o Imaginário. O falo imaginário é posto fora de jogo e substituído por uma unidade de medida que regula as relações entre desejo e lei, e confere a eles uma lógica. A criança situa o *pai* no lugar onde ao menos um sabe o que ela quer. Ela encontra o termo Simbólico que barra a sua posição de equivalência fálica e cria algo mais: o título virtual que sustentará a sua identificação ao elemento mediador do campo simbólico.

Nesse percurso ideal, o sujeito se inscreve no Simbólico que preexiste a ele. Entre a experiência em que a criança recebe atribuição fálica e a constituição da significação fálica, temos o lapso que a trança percorre, na estrutura temporal reversiva, na qual a castração retroage ao recalçamento originário para lhe conferir significância. Se, depois de realizar seis cruzamentos numa trança, voltamos a unir as extremidades dessas cordas, obteremos o nó borromeano. Este, de três elos, é uma trança de seis cruzamentos não quaisquer. A partir da ordenação de suas linhas como R, S e I, podemos constatar que R passa duas vezes por cima de S, I passa duas

vezes por cima de R e S passa duas vezes por cima de I.



Os seis cruzamentos do nó borromeano (Fonte: Capanema, C. 2015)

A despeito dessa aplicação do nó aos primeiros trabalhos de Lacan, cabe salientar a ressalva de Lacan no *Seminário, livro 22: R. S. I.* (1974-5), em 13/05/75): a trança e o nó borromeano de três cordas não são a norma para a relação de R, S e I. O nó borromeano de três elos perfeitamente trançados não existe, ele só pode ser considerado como modelo, pois situa o ser falante em termos ideais que jamais se realizam plenamente. Por um lado, em cada sujeito, o(s) sintoma(s) explicita(m) que ele se constituirá, desde sempre, falhado, comportando necessariamente os lapsos dos nós. Por outro lado, nomear (e assim distinguir) cada um dos elos do nó como R, S e I em seu atrelamento interno, exige um quarto elo que se remeta a um dos outros, nomeando-o, para que os três registros, ao mesmo tempo, se mantenham atrelados “borromeamente” e se diferenciem entre si.

Vale notar que a função desse quarto elo será a de amarrar os três anéis soltos e assim resgatar a condição borromeana que falta à constrição destes. Entretanto, essa condição borromeana permanece sendo suposta como necessária para a constituição do sujeito, mas sua(s) falha(s) só é (são) distinguível(eis) após o sujeito ter reparado seu(s) lapso(s) com o quarto elo. É

o que permite relativizar a “trançamento” a três e reduzi-la à função de explicitar as bases da construção.

Portanto, o que foi descrito nos seis movimentos da trança é a constituição subjetiva calcada no pai edípico freudiano, sem considerar outros acontecimentos em uma subjetivação qualquer, que podem ganhar estatuto de *Nome-do-Pai*. Afinal, a articulação RSI somente incide num exercício determinado pela versão em que o sujeito se inventa situado em relação à função paterna, isto é, o nó borromeano é sempre “pai-vertido”, pai-versamente orientado. Por isso, a constrição que mantém R. S. I. ligados é sempre singular e enigmática, e depende de uma quarta corda que, com seus movimentos, fura os registros num bordado que passa dentro e torna a sair, novamente passa dentro e torna a sair, cerzindo os três registros.

Referidas assim a cada um dos elos R, S ou I, a nominação real, a nominação simbólica e a nominação imaginária, enquanto quarto elo que tece o laço entre os outros, nos permitirá situar *Nomes-do-Pai* em configurações borromeanas. Nestas, prevalecerão a angústia, o sintoma ou a inibição como modalidades que não se limitam ao pai edípico, mas orientarão distintas possibilidades de enodamento borromeano.

REFERÊNCIAS

CAPANEMA, C. **A contingência da paternidade como forma de amarração do quarto elo do nó borromeano na adolescência**, tese de doutorado, UFMG, 2015.

GRANON-LAFONT. **A topologia de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, J. **O Seminário, livro 4: A relação de objeto**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1995. (Trabalho original de 1957[1956]), 1995.

LACAN, J. **O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1958[1957]), 1999.

LACAN, J. **O Seminário, livro 21: Le non-dupes**

errent. Inédito, 1974 [1973].

LACAN, J. **O Seminário, livro 22: R.S.I**. Inédito, 1975[1974].

VORCARO, A. **Sob a vigência da linguagem: Uma aproximação à clínica psicanalítica de crianças** (Tese de Doutorado). Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

_____. **A criança na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud, 2004.

_____. Topologia da formação do inconsciente: O efeito sujeito. In **Revista Estudos Lacanianos** [FAFICH-UFMG], 3, pp. 45-62, 2009.

VORCARO, A. e CAPANEMA, C. O efeito da puberdade na constituição subjetiva: A adolescência e a possibilidade do *sinthome*. In N. V. de A. Leite & J. G. Milán-Ramos (Orgs.). **EntreAto: o poético e o analítico**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

1 Psicanalista/ Association Lacanienne Internationale

2 Psicanalista, doutoranda em Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)